

## SABERES NECESSÁRIOS A UMA EDUCAÇÃO PARA A CULTURA DE PAZ

Ana Claudia da Silva Pereira\*

**Resumo:** Em tempos tão complexos de violência, parece até utopia a prática da paz. Mesmo reconhecendo essa força, este trabalho busca lançar proposições na perspectiva desse enfrentamento, apresentando a amorosidade do diálogo freireano, a arte do cuidado inspirado por Boff e a tolerância relacionada ao aprender a viver junto (relatório Delors), como alguns saberes necessários à concretização da paz, ciente de que o estabelecimento da cultura da paz contra a violência é possível e indispensável.

**Palavras-chave:** Cultura da paz. Saberes. Diálogo. Cuidado. Tolerância.

### Introdução

A paz traz como princípio a dignidade da pessoa humana, está intrinsecamente relacionada à prevenção e à resolução dos conflitos. É uma cultura baseada em tolerância, solidariedade que sustenta a liberdade de opinião e que se empenha em prevenir conflitos resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças não militares para a paz e para a segurança como exclusão, pobreza extrema e degradação ambiental. A cultura de paz procura resolver os problemas por meio do diálogo, da negociação e da mediação, de forma a tornar a guerra e a violência inviáveis.

O contexto da crise moral e ética em que vivemos aponta para a veiculação da barbárie. A humanidade criada e criadora é dicotômica, enquanto criatura é revestida pela divindade, tem capacidade de afetividade, compaixão solidariedade e amor. Mas sua liberdade criadora, mentora do desenvolvimento tecnológico e intelectual cria o clima de competitividade entre as pessoas, cujo objetivo é ser “o melhor”, “o maior”, “o mais competente”, etc.

---

\* Professora da Rede Estadual-PE. Graduada em Letras e pós-graduada em Língua Portuguesa pelo CESVASF (Belém do São Francisco-PE) Pós-graduada em Planejamento Educacional pela UNIVERSO-RJ. Atualmente aluna do curso de Pós-graduação em educação e ética para uma cultura de paz pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: anapereirasol@hotmail.com.

Nessa situação de contrários, é emergente que busquemos alternativas para suplantarmos o que inviabiliza a concretização da paz. A cultura de paz tem bases sociais, econômicas, políticas e culturais, a cultura no que diz respeito às expressões produzidas e criadas pela humanidade, está ligada ao ato de aprender, transmitir, educar. Nesse sentido considero que o grande potencial está na educação para a cultura de paz, na forma de se fazer educação, através desse processo torna-se possível a transformação.

### **Tensões da atualidade**

Estudiosos desvelam o contexto e anunciam proposições contundentes para a realidade. Bueno (2002) suscita que há um deslumbramento na caverna pós-moderna, as maravilhas ultramodernas da tecnologia compensam ilusoriamente as privações e carências da vida cotidiana. A lógica expansiva do capitalismo banaliza o mal, enfraquecem as ações políticas coletivas, esquecem a violência e a barbárie, naturalizam a desumanidade. O grande dilema seria, como educar o cidadão que vive na caverna pós-moderna? Bueno aponta para o pensamento crítico a tarefa de analisar e entender os limites que separam civilização e barbárie, cabendo à humanidade a tarefa de reinventar sua liberdade, sua autonomia, e sua emancipação, mesmo não sendo tarefa fácil “o caminho é reconhecer no inferno, aquilo que não é o inferno. E insistir e abrir espaço”.

Na sociedade do consumo, quando o valor no sentido econômico começa a invadir o campo dos valores que vem de dentro de cada um de nós, e cujo sentido independem do eu valor de troca, uma mudança está em curso. Uma mudança para pior. Nesse contexto os sujeitos têm a sensação de liberdade pelas oportunidades cada vez mais abundantes de escolha. Oliveira explicita que essa situação leva a uma adesão de comportamentos supostamente individuais que, de tão generalizados já se tornaram uma condenação em massa.

O grande desafio que nossa época coloca aos pioneiros é encontrar a liberdade lá onde ela se esconde, dentro de cada um de nós, na intimidade de seus desejos genuínos... o uso do tempo é um excelente revelador químico de novos sentidos que homens e mulheres pioneiros farão, reconstruindo as noções de família, de trabalho, de conhecimento e de cidadania (OLIVEIRA, 2003, p. 137).

O protagonismo feminino a partir de Oliveira inverte a lógica arraigada de que o feminismo é apenas um movimento de inserção da mulher na esfera do público. Essa idéia tem também contribuição da psicanálise, da ecologia e também da crítica feminina. Nesse sentido a mulher está para o domínio do amor, do cuidado do outro, da emoção, etc. Assim como o homem está para ganhar dinheiro. A mulher preserva os valores que foram a base da vida da espécie humana.

A crise dos núcleos familiares concorre para um repensar de papéis, se ainda a dicotomia público x privado ou o serviço numa tentativa de repensar o cotidiano com vistas a uma melhor qualidade de vida.

Interessa ao discurso neoliberal o reconhecimento do imobilismo, do fatalismo a ponto de convencer que a adaptação a essa prática social é a saída. Se não aceitamos o inacabamento a não predisposição para o ser mais, como buscar a inteireza? Perde-se o sentido da vida.

### **Proposições para os saberes necessários à uma educação para a cultura de paz**

A UNESCO define a cultura de paz como o conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e modos de vida fundados sobre uma série de aspectos, como, por exemplo, o respeito à vida, ao princípio de soberania, aos direitos humanos, a promoção de igualdade entre homens e mulheres e a liberdade de expressão; o compromisso de resolver pacificamente os conflitos; os esforços desenvolvidos para responder às necessidades planetárias; a promoção do desenvolvimento dos e entre os povos.

Partindo dessa definição três saberes fundamentais são destacados para a construção de uma cultura de paz, a saber: o diálogo, o cuidado e a tolerância. Sem dúvida as escolhas feitas trazem em seu cerne às ideologias de quem as discrimina. Primeiro porque acredito que a essência do dialogismo freireano perpassa todo aquele que é ou tem a intenção de ser verdadeiramente um educador; que a pedagogia tem a ação de conduzir o outro e nesse sentido o conduzir é cuidar; a tolerância sendo o ato do bem viver, é ingrediente essencial ao objetivo da educação para a cidadania.

A sociedade, no momento em que enraíza uma ordem injusta, impede a realização do ser mais. Daí Freire aponta a necessidade da atuação na luta *com* os oprimidos para restaurar a humanidade de todos para a edificação de uma sociedade mais justa, igualitária, sem lugar para opressões. A superação de toda essa opressão, segundo Freire, só acontecerá a partir da práxis libertadora, modo de estar no mundo que implica o reconhecimento das condições opressivas, a reflexão sobre suas causas e ação transformadora sem a qual nenhuma mudança pode acontecer.

Aqui o diálogo revela-se como essência da educação, sendo a dialogicidade um convite constante para o repensar e o refazer da prática pedagógica centrada na formação integral dos indivíduos, baseadas nas experiências adquiridas no contexto histórico cultural. “Ao pronunciar a palavra o indivíduo pronuncia o seu mundo e faz-se humano. O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (FREIRE, 2005, p. 91).

Através da pronuncia da palavra o homem se reconhece homem e assume seu papel diante do mundo, reflete sobre suas ações e as ações dos outros, percebe-se como ser capaz, um ser de reflexão e ação e toma consciência de que é um ser inacabado, que busca constantemente por “ser mais”. O pensamento freireano mostra a importância do diálogo para a construção de um saber prático de libertação.

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir humanamente é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra no trabalho, na ação-reflexão. Mas dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens (FREIRE, 2005, p. 90).

O que caracteriza o dialogismo ou outras categorias Freireanas também está presente no cuidado. Segundo Boff, o cuidado refere-se aos comportamentos e às relações para com as pessoas e para com a natureza, marcada pelo respeito à alteridade,

pela amorosidade, pela cooperação, pela responsabilidade e pela renúncia a toda a espécie de agressividade.

O cuidado pressupõe o princípio da ética, que é a arte do bem viver, ou a regra “faça aos outros o que gostaria que os outros fizessem a ti”. A ética é uma característica inerente a toda ação humana, e por esse motivo um elemento essencial na construção da realidade social. Os relacionamentos humanos estão em crise. Uma crise ética. A falta de ética é a principal e maior crise da humanidade, derivando-se desta todas as demais, desde as crises financeiras, políticas, sociais, à violência. É quase impossível não associar o crescimento atual da violência à falta de ética, seja ela direcionada ao ser humano ou ao ambiente.

A ética está relacionada à opção, ao desejo de realizar a vida, mantendo com os outros, relações justas e aceitáveis, está fundamentada nas ideias do bem e da virtude, enquanto valores perseguidos por todo ser humano e cujo alcance se traduz numa existência plena e feliz.

A ética do cuidado traduz-se nos exemplos de figuras como Gandhi, D. Hélder, Luther King com seus ideais de justiça, verdade e não violência faziam em suas ações políticas o cuidado com o povo. Madre Tereza, Irmã Dulce em seus princípios e vivência de misericórdia e caridade a serviço dos pobres efetivava-se a manifestação do cuidado. Buda, o Dalai Lama, São Francisco, Jesus são expressões exemplares de cuidado e de plena humanidade.

É o cuidado que enlaça todas as coisas; é o cuidado que traz o céu para dentro da terra e coloca a terra dentro do céu; É o cuidado que fornece o elo de passagem da transcendência para a imanência, da imanência para a transcendência e da história para a utopia; É o cuidado que confere força para buscar a paz no meio dos conflitos de toda ordem. Sem o cuidado que resgata a dignidade da humanidade condenada à exclusão, não se inaugurará um novo paradigma de convivência (BOFF, 1999, s/p.).

A nossa condição de cidadão planetário não nos permite ter apenas a nós mesmos como centro. Se somos cidadãos do mundo, não podem existir fronteiras. As diferenças culturais, geográficas, raciais e outras enfraquecem diante do sentimento de

pertencimento à humanidade. Em 1995 a UNESCO, que tem como missão exclusiva a construção da paz, adotou a “Declaração dos princípios sobre a tolerância”, e criou redes para a promoção da tolerância em várias regiões do mundo. A luta contra a intolerância é uma batalha contínua, uma vez que discriminação e intolerância andam frequentemente juntas.

Muitas guerras têm sido causadas por questões de identidade cultural visando à destruição do outro; muitos esforços violentos de modernização têm afetado a noção de identidade dos povos; muitas conseqüências cruéis são decorrentes da globalização do intercâmbio cultural e o intercâmbio econômico que levam à desintegração dos valores dos povos. Atualmente a intolerância tem suscitado sentimento de exagerado nacionalismo, revivendo diferenças étnicas e religiosas e levando milhões ao refúgio e perda do direito a ter direitos.

Tolerância, democracia e direitos humanos são os valores que a UNESCO tem promovido e sustentado, e dos quais pretende, reafirmar as características valiosas, sem perder de vista a especificidade histórica de cada sociedade. Para tanto, Jacques Delors (1996), sugere no relatório Educação: Um tesouro a descobrir, que “educação no sentido mais amplo do termo, é o componente crucial da cultura de paz; uma educação que torne cada cidadão sensível ao outro, e que imponha um senso de responsabilidade com respeito aos direitos e liberdades. A educação para todos ao longo de toda vida, formal e informal, deve ser baseada nos quatro pilares do conhecimento: “aprender a conhecer”, “aprender a fazer”, *aprender a viver junto*” e aprender a ser”. Nesse sentido o destaque para o aprender a viver junto, corroborador essencial da tolerância.

A força diretriz para a paz está na solidariedade internacional, no pluralismo cultural que tem a contribuição da UNESCO para a efetivação facilitando o diálogo inter-ético e intercultural por meio de estabelecimento de projetos regionais e sub-regionais. A paz não pressupõe homogeneidade, deve ser baseada no pluralismo e no desenvolvimento sustentável.

Uma década após a proclamação do ano internacional da cultura de paz (2000), a paz emerge como clamor universal de indivíduos, grupos e organizações internacionais. Cultura são expressões criadas e produzidas pela humanidade, portanto ligada ao ato de

aprender. Se estamos falando de uma educação para uma cultura de paz, partindo dos pressupostos de Freire, a raiz da educação baseia-se no fato de que o homem é um ser na busca constante do “ser mais”, a educação é possível para o homem, porque este é inacabado. Isso o leva à sua perfeição.

Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade, e procurar soluções. Assim pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias. [...]. A educação não é um processo de adaptação do indivíduo à sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais (FREIRE, 1979, p. 30-31).

È possível construir essa cultura, pelo fato de que os seres humanos são dotados de potencialidades: componentes genéticos que nos permitem sermos sociais, cooperativos, criadores, transformadores. Acreditamos na aprendizagem, na exposição a condições que propiciem reflexão para ampliar nossas possibilidades, para termos acesso a alternativas.

## **Conclusão**

Estamos vivendo uma crise da humanidade, onde as maravilhas da tecnologia prometem uma felicidade ilusória, a lógica do capitalismo tem o valor econômico sobrepondo-se a todos os outros valores, que os ranços do patriarcalismo ainda motivam a violência contra a mulher. Essas forças consolidam a cultura da violência que nos desumaniza a todos. À essa cultura de violência há de se opor a cultura de paz, entendendo-se também que a crise surge como momento de busca e de oportunidades, é na crise que nos fortalecemos.

Ao mesmo tempo em que a educação, como se refere Adorno (1995), ameaça o conteúdo ético do processo formativo em função de sua determinação social, é capaz de proporcionar, se não a reversão, mas o enfrentamento dessa realidade, protagonizando uma efetiva emancipação que se dá através de uma prática atitudinal de princípios éticos, ação correta, como parte da identidade cultural e, portanto, como prática cultural.

A cultura de paz é um processo de longo prazo, que deve levar em conta os contextos históricos, político, econômico, social e cultural de cada ser humano. É

necessário aprendê-la, desenvolvê-la e colocá-la em prática no dia-a-dia familiar, regional ou nacional. Se desenvolvermos a cultura da dominação e da violência, o quadro pode ser revertido para a cultura do diálogo, do cuidado e da tolerância, que conduz à libertação. Temos que sonhar, ter esperança e partirmos para ação, atitude, fazendo com as nossas esperanças se tornem realidade.

## Referências

BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar – Figuras exemplares de cuidado III*. Disponível em <http://contadoresdestorias.wordpress.com/2007/07/05/saber-cuidar-figuras-exemplares-de-cuidado-iii-l-boff/> acesso em 17.07.20011

BUENO, André. **Formas da crise**: estudos da literatura, cultura e sociedade. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy. **Reengenharia do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

